

## O DECOTE E A LIBERDADE FEMININA ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO SUBJETIVA DA MODA

*The neckline and female freedom through subjective communication in  
fashion*

Scomparin, Andréa Grivol; Graduanda; Universidade do Estado de  
Santa Catarina, deiascomparin@gmail.com<sup>1</sup>  
Nunes, Ariella Cappellari; Graduada; Universidade do Estado de Santa<sup>2</sup>  
Catarina, ari.cn@hotmail.com  
Sant'Anna, Mara Rubia; Profa. Dra; Universidade do Estado de Santa  
Catarina, sant.anna.udesc@gmail.com<sup>3</sup>  
Grupo de Pesquisa Moda e Sociedade

A partir da constituição imagética de uma linha do tempo podemos estudar de forma linear e visual as transformações no vestuário através dos tempos. Para essa pesquisa, em específico, foi construída uma linha do tempo<sup>4</sup> por meio da pesquisa imagética e bibliográfica, procurando entender as mudanças da moda feminina, especialmente a história do decote e qual a sua relação com a construção identitária feminina, bem como sua busca por formas de expressão, mesmo que subjetivas, levando em consideração os contextos históricos e sociais em que tais mudanças ocorreram.

Teoricamente, o texto se fundamenta em: Gotinski (2009), Castilho (2009), e sobre os seios: Yalom (1997 apud ANDRADE, 2008).

É pelo corpo moldado, velado ou revelado que as mulheres se utilizam da sedução e/ou puritanismo para se posicionar socialmente, munindo-se além da vaidade, buscando expressar-se de forma mais libertadora.

A partir de dois momentos extremos, representados por imagens, será analisado como o desnudamento dos seios foram meios de colocar a liberdade feminina em discussão social.

Primeiramente, é preciso ter em mente que foi durante a Renascença que o potencial erótico dos seios começa a ser explorado, principalmente pela sua representação nas artes, sempre relacionado a significações maternais e sagradas, de acordo com Yalom (1997 apud ANDRADE, 2008).

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Design de Moda CEART – UDESC, bolsista de iniciação científica PROBIC/UDESC.

<sup>2</sup> Graduada em Design de Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Orientadora, Coordenadora do Departamento de Moda CEART – UDESC.

<sup>4</sup> A linha do tempo utilizada para esta pesquisa se encontra disponível no seguinte link:  
<https://www.timetoast.com/timelines/1014797>

Figura 1: Rainha Elizabeth I, "Retrato do Arco-Íris" (Fonte: [http://www.zazzle.com.br/elizabeth\\_mim\\_retrato\\_do\\_arco\\_iris\\_posteres-228175561282774777](http://www.zazzle.com.br/elizabeth_mim_retrato_do_arco_iris_posteres-228175561282774777). Acesso em: 15 de fevereiro de 2015, às 10h03m), 1600.



De acordo com Laver (1989) mesmo com o advento dos Rufos, uma moda a princípio masculina que trazia golas altas em babados extremamente engomados que obrigavam uma postura ereta e rígida, com certo ar “esnobe”, as mulheres, ao se apropriarem desta moda, utilizam o "princípio da sedução". Assim, na tentativa de explorar os encantos femininos, equilibraram o uso do rufo e seu status com o uso de decotes atraentes. Na imagem acima, pintura da Rainha Elizabeth, percebemos o decote profundo, acentuando os seios em contraste com a estrutura rígida e armada de rendas engomadas, utilizando-se da sensualidade sem abrir mão de impor seu status social através de uma moda elitizada adaptada ao seu desejo de expressão e posicionamento social. Além disso, através do decote, a mulher pode impor seu status materno e sagrado feminino. Especialmente, neste caso, a Rainha Elizabeth, “mãe da nação”.

No período da Renascença, observa-se o surgimento da idolatria ao belo sexo, o feminino. De acordo com Lipovetsky (2000), quanto mais bela a mulher, mais ela irradia sua feminidade. O uso do decote no Renascimento, então, pode ser entendido também como um dos artifícios adotados para acentuar a beleza e feminidade.

Se durante séculos a moda feminina e a sua liberdade expressiva manteve um caráter de mudanças mais lentas, apresentando algumas vezes até certa estagnação, durante o século XX as mulheres experimentaram em poucas décadas várias conquistas e liberdades que até então lhes eram negadas. De acordo com Lipovetsky (2000, p. 29) foi no século XX que as mulheres tiveram “Reconhecimento da atividade profissional feminina, legalização da contracepção e do aborto, liberalização da moral sexual: uma revolução de fato ocorreu”. Graças a todos estes eventos e à crescente emancipação feminina, o século XX nos traz grandes e rápidas modificações nos modos de vestir. Em 1913, surge o escandaloso Decote em V. Chamado

de indecente, condenado pelos médicos, logo foi aceito (LAVÉ, 1989). Com a Primeira Guerra Mundial e a necessidade de fácil movimentação e locomoção feminina as mulheres foram libertas dos espartilhos, já que precisavam de movimentos livres para trabalhar nas fábricas, percorrer caminhos a pé ou andar de bicicleta. A Guerra também criou uma rotina feminina fora da esfera doméstica, de acordo com Pimenta (2013). Assim mudam as perspectivas femininas na sociedade, que começam a reivindicar seus direitos políticos e civis. A imagem abaixo é a representação na moda destas novas perspectivas:

Figura 2: Moda da década de 1920 (<https://corydontimes.wordpress.com/2015/04/30/throwback-thursday-winnipeg-fashion-in-1920/> Acesso em: 14/05/2015, às 9h40min), Década de 1920.



Na década de 1920 as mulheres negam suas curvas, achatando os seios, evitando decotes profundos, como vemos na imagem anterior. Assim, elas buscam se impor como mulheres livres, que vivem com a liberdade de um homem, um novo tipo de feminilidade que usa o corpo feminino como instrumento de revolução (PIMENTA, 2013). Quando se busca a negação da mulher-mãe, mulher-dona de casa, é natural a negação dessa parte do corpo. O seio que no Renascimento teve ligações profundas com a maternidade, com os movimentos feministas, de acordo com Yalom (1997 apud ANDRADE, 2008) vai ser negado, rompendo com essa formação imaginária construída sobre os seios ao longo dos tempos.

E a situação inversa também ocorre, como durante os anos 1950 e o ressurgimento do ideal de feminilidade baseado na rainha do lar. As mulheres vão aumentar a atenção aos seios e colos, usando sutiãs que modelem os seios e decotes que os valorizem, se impondo como matriarcas através desta simbologia. E, mais uma vez o processo vai se inverter nos anos 1960, com as lutas feministas e a queima de sutiãs, por exemplo.

A partir da década de 1970, observa-se uma intensificação do quadro de reivindicações, escolarização e profissionalização femininas, assim como a conquista de liberdade financeira e social. A exploração do vestuário apresenta uma liberdade cada vez maior, traduzindo de maneira mais íntima a identidade individual da mulher.

### Conclusão:

Castilho (2004) nos fala que a moda pode ser compreendida como expressão de um conteúdo e, assim, ser lida como um texto que veicula algum discurso. Assim, juntos, corpo e moda formam um texto com unicidade que sustenta um conteúdo, um discurso.

Portanto, as tendências de moda foram (e são) voz de expressão feminina. Apesar de atualmente se caracterizar como uma das formas de expressão, por muitos séculos foi a única forma que as mulheres tinham para se comunicar em uma sociedade machista e patriarcal.

Assim, o estudo da moda feminina, unida ao entendimento das questões sociopolíticas e culturais, nos traz uma visão dos anseios e desejos femininos. Especialmente através das mudanças mais chocantes, como por exemplo, os decotes, que superficialmente podem ser interpretados apenas como apelo erótico, objetivando a sedução do sexo oposto, mas que se constroem como textos opinativos e posicionamento feminino através da história e que, muito usualmente, possuem uma relação intrínseca com as mudanças históricas vivenciadas e/ou desejadas.

Aos que ficaram interessados, convidamos a conhecer a linha de tempo desenvolvida e acompanhar outras publicações relacionadas dessas autoras.

### Referências

CASTILHO, K. **Moda e linguagem**. 2. ed rev. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2009.

GOSTINSKI, Cleon. Relevâncias da história da moda: dos anos 10 à virada do século XX. **Intelecto C**. n. 5, jan-mar 2009 – Novo Hamburgo: Catânia. p. 48-91. Disponível em: <[http://www.intelectoc.com.br/artigos/Relevancias\\_da\\_historia\\_da\\_moda\\_dos\\_anos\\_10\\_a\\_vira\\_da\\_do\\_seculo\\_XX\\_Intelecto\\_C.pdf](http://www.intelectoc.com.br/artigos/Relevancias_da_historia_da_moda_dos_anos_10_a_vira_da_do_seculo_XX_Intelecto_C.pdf)>

LAVIER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 285p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIMENTA, Maria Cecília Gonçalves. **Les Garçonnes: A moda andrógina da Paris dos anos loucos**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 4., 2013. Londrina. *Anais...* Londrina, 2013. p. 2146 – 2156.

YALOM, Marilyn. **História do Seio**. Lisboa, Teorema, 1997 apud ANDRADE, Fernanda Aline. **Discursividades sobre a mulher: O tamanho dos seios em questão**. 2008. 99 f. Dissertação (Pós Graduação em Letras). Campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2008.